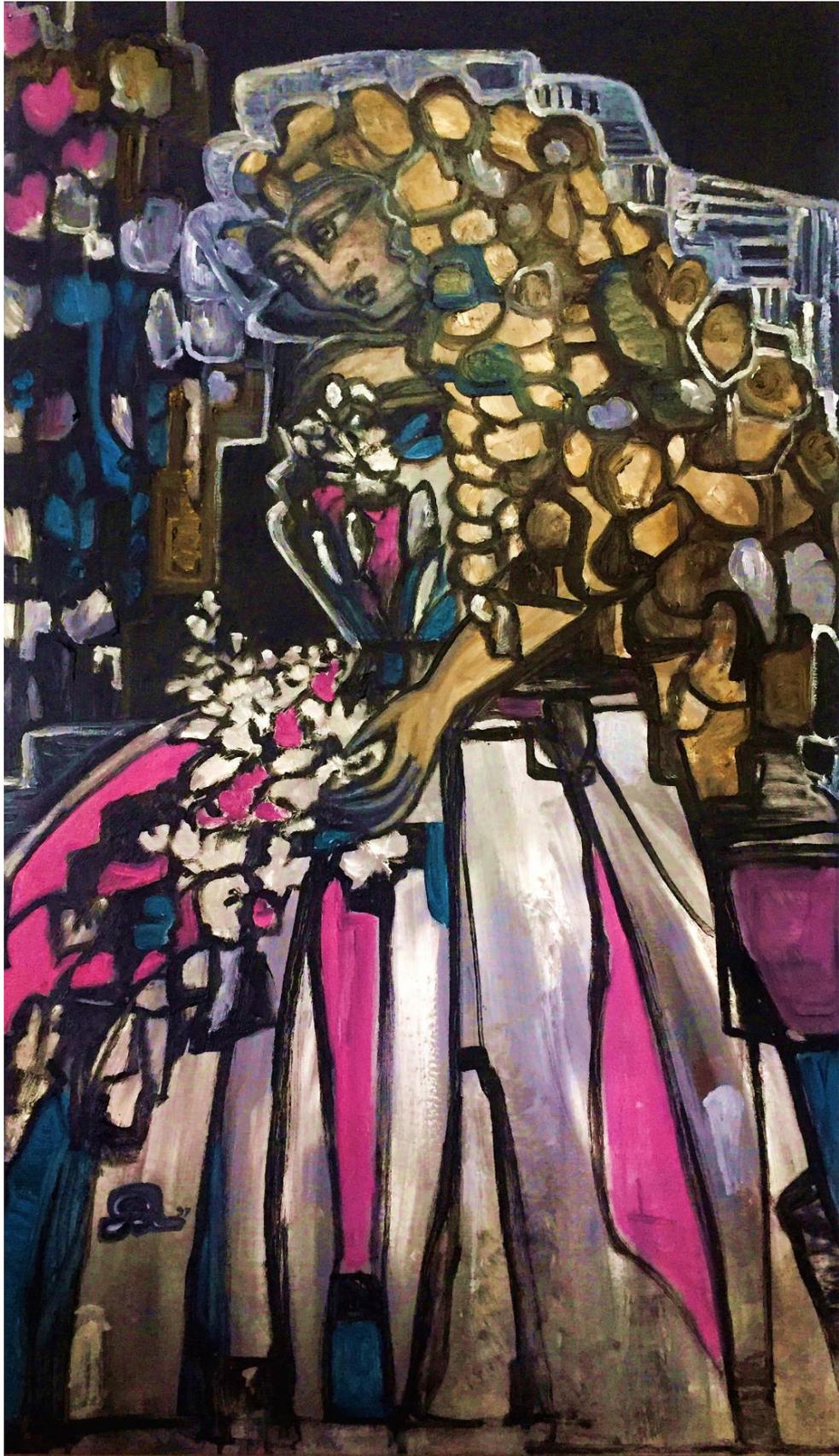


A NOIVA



Técnica mista s/tela 100 x70 cm – 1997

No adro da pequena Igrejinha, no qual se tinha improvisado um altar, estavam sentadas, em bancos corridos e alinhados, cerca de trinta pessoas.

Esperavam. Esperavam que começasse a cerimónia para a qual cada uma tinha sido convidada, de forma original, pelos noivos, um mês antes.

Entre amáveis sorrisos e sussurros simpáticos, aguardavam que chegasse o padre, o noivo e a noiva. O quarto de hora da praxe já tinha passado sem sinal algum de que pelo menos o padre e o noivo estivessem por ali.

O que as intrigava era aquele rapaz de olhos claros e luminosos, de cabelos um tanto ou quanto despenteados pela leve brisa que soprava e de t-shirt azul com uma pequena frase vagamente conhecida: “I’m in Heaven...”

Quem seria? E porque é que não se sentava e teimava em continuar em pé, junto dos três degraus que levavam ao altar? Não parecia nervoso; pelo contrário, embora o ar fosse meio tímido, mostrava-se tranquilo. Era a tranquilidade de quem tem a certeza de que o melhor ainda está para acontecer.

Tinha razão. A noiva acabava de chegar. Linda, tão linda que ele deu graças a Deus por ter enfiado aquela t-shirt.

Serena e como que deslizando, a noiva sorria, de forma velada, enquanto avançava. Só tinha olhos para o noivo e refreou o ímpeto que sentia de correr de encontro àqueles braços estendidos, irrecusáveis, que sempre tinham sido para ela como um oceano de tranquilidade, desde que os encontrara. Aqueles braços que tão bem lhe sabiam quando dançavam juntos.

Fora a passear, junto ao mar, num belo entardecer de Setembro, que se tinham encontrado pela primeira vez.

Ele ia andando e atirando para longe um pequeno galho que o companheiro, invariavelmente, corria a apanhar para lho trazer de volta.

Ela compunha, na cabeça, uma peça de piano, e, de vez em quando, fechava os olhos imaginando-se no seu estúdio de paredes de vidro, de onde gostava de apreciar as ondas, sempre diferentes, de manhã à noite.

Enquanto ele, distraído, olhava o entusiasmo do companheiro, ela, de olhos semicerrados progredia na melodia. Cruzaram-se sem se terem visto, mas algo de indefinido ficou no ar a pairar, porque, de repente, Noname (o nome do cão que ainda era aparentado com um outro conhecido de um tal Nuno Júdice) estacou, largou o galho da boca e ficou a olhar para Íris.

A rapariga tinha o nome da musa de Wim Mertens, de quem, por acaso (mas será que haverá acasos?) o rapaz também gostava. Noname e Wim Mertens foram, pois, quem primeiro os ajudou a desatar as palavras. Depois vieram outras palavras, vieram as melodias, as muitas melodias, e depois veio o dia.

O dia em que descobriram a Igrejinha românica em ruínas, no meio de um planalto carregado de verdes de onde, ao longe, se avistava o mar.

Íris apontara-lhe a t-shirt e ele sorria. Era o lugar perfeito. Seria ali, sem dúvida, que haveriam de se casar e de juntar, para que pudessem testemunhar a sua irreprimível alegria, aqueles de quem mais gostavam.

E o dia chegara, prometendo sol temperado e a calma das horas que passam devagarinho.

Como devagarinho Íris avançava, pensando que só mesmo ele seria capaz de a aguardar ali com aquela t-shirt que, num dito de nada, tudo dizia: "I'm in Heaven..." Era assim, também, que ela própria se sentia, quando ele a tomava nos braços e dançavam sem parar. No momento em que lhe deu a mão para que juntos subissem os três degraus até ao altar, conseguiu repetir-lhe baixinho: "Heaven, I'm in Heaven..." e foi então que o coro, que até aí passara despercebido, se lhes uniu e continuou: "And my heart beats so that I can hardly speak, And I seem to find the happiness I seek, When we're out together dancing cheek to cheek..."

O padre, aparecido de repente nem se percebia de onde, mostrava um ar benévolo, apesar de ser difícil distinguir-lhe bem as feições. Parecia encher todo aquele espaço, embora nem sequer tivesse ainda pronunciado uma palavra.

Coincidência (ou não!) trazia vestida uma t-shirt com pequenas nuvens estampadas e uma curiosa palavra, mais ou menos a meio, um tanto desviada para o lado esquerdo: GOD.

Assim, de um momento para o outro, era como se finalmente todas as notas da mais bela sinfonia se tivessem juntado!

Foi então que Íris acordou e pensou: "Heaven can wait..."

P.S. Para Nuno Júdice, Wim Mertens e Irving Berlin o meu muito obrigada! Estão muito próximos de mim!